

# Conceituação e aplicação mítica na literatura rosiana

Olga de Sá\*

## Resumo

Na sociedade primitiva, é o mito que marca o início e a origem das coisas. É por meio dele que o homem toma consciência de sua condição humana, do estar-no mundo e ser-para-a morte. A partir dele, nomeia e dá vida ao que o cerca. Pelos tempos afora, o mito transcendeu seu sentido preferencial – pela oralidade, a audição – hoje, nos atingindo por todos os demais. A mídia moderna oferece-nos, constantemente, releituras de histórias atemporais. Rosa, pela palavra escrita renovada, recria o mito com todas as suas funções originais. Com isso interfere no mito original de tal modo que, mais que influenciado por ele, o novo conto quebra as cadeias do tempo e influencia o próprio mito. O “diabólico” em sua dimensão mítica atravessa a ficção de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Diabólico; Mito; Guimarães Rosa; Contos; Literatura brasileira; Teoria literária.

**N**ão querendo focalizar mais um mito em alguma obra de Guimarães Rosa, optei por escolher um aspecto mítico, que atravessasse a obra quase toda ou toda, sem pretender demonstrá-lo, nesta Comunicação. Trata-se do “diabólico”, em um sentido que espero fique claro, nesta exposição. É evidente que toda a escritura rosiana acaba por influenciar o mito original, ampliando-lhe a significação e inserindo o relato nas coordenadas do mundo das origens.

O séc. XIX foi marcado, em muitos países, pelo Positivismo. A plenitude humana escapava a seus limites. Por isso, até a Ciência, sem falar da Arte, da Filosofia e da Literatura, questionou sua validade. A Metafísica, repudiada por ele à categoria de história da carochinha, reencontrou, hoje, seu lugar.

Em meio às mudanças, ela se tornou uma instância de continuidades; em meio às indagações e dúvidas, se distinguiu como ponto de diálogo. Tomou-se consci-

---

\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ência de que o humano ultrapassa, de muito, as imposições da objetividade e o alcance dos laboratórios. Se isso tem a ver com a Filosofia e a Metafísica, que lidam com o tempo e o espaço da condição humana, que dizer do mito – rejeitado pela Ciência – que diz respeito ao homem, em todos os tempos?

Foi preciso rever as posições e o filósofo, o escritor e o poeta, cada um em sua própria dimensão, nunca divorciados do poético e, portanto, do mito, se sentiram mais à vontade. Instalou-se a consciência de que a razão é um caminho, mas não o único. E o Racionalismo, somente uma vereda, em relação às instâncias da vida. Sensibilidade e sentimento, imagens e símbolos, figuras e ícones, foram desafiando intérpretes, que nunca silenciados, podiam falar agora, conseguindo mais acolhida.

O escritor estava livre para exprimir o mistério; o leitor, desafiado, para acolhê-lo.

Assim, o mito na origem do pensamento filosófico sempre conviveu com o poético e até – pela sua expressão totalitária do ser, do homem e do mundo – o fundamentou, primitivamente.

Se um escritor deseja exprimir a tragédia do homem contemporâneo, sujeito à “coisificação”, preso à ânsia da objetividade, poderá talvez qualificar tal situação existencial como “diabólica”. O diabo tudo separa e, na sociedade moderna, o objeto é que possui o sujeito.

Eudoro de Sousa, citado por Fernando Bastos:

O Diabo também iludiu os homens, levando-os a crer que as “coisas” estão a seu dispor, a seu serviço, quando a realidade nos diz que somos nós os serviçais, os que estamos à disposição delas. Aqui, somos os servos, não os usuários. E se não nos apercebemos da nossa servidão, é porque só incluímos na categoria de coisas os objetos fabricados, sem nos dar conta de que a fabricação envolve todo “coisificado”, como, por exemplo relevante, palavras que designam “coisas”, conceitos que as definem e, portanto, mais inexoravelmente as isolam, idéias que lhes vincam o perfil inalterável. (SOUSA, 1980, p. 68)

Os textos de Guimarães Rosa expressam continuamente essa dimensão “diabólica” da realidade e, por isso mesmo, a denunciam.

O que é “*O espelho*”, quando nos devolve nosso rosto de onça, se não o reflexo do “diabólico” em nós? E quando, depois de sofrer e amar, aparecemos em sua superfície polida e vazia, com a fisionomia de um menino – ícone da infância – capaz de conviver com o mistério?

O pacto de Riobaldo com o diabo – em **Grande sertão: veredas** – nunca esclarecido, fonte de dúvida e angústia, não expressa ele também nossa perplexidade diante do mal e da culpa? Nunca sabemos se somos anjos ou demônio, se a mistura de barro podre em nossa argila, não compromete, irremediavelmente, nossa

capacidade de sermos moldados em beleza e bem. Fizemos, afinal, o pacto, no misterioso espaço das Veredas Mortas?

E Diadorim? Seu ser ambíguo, capaz de provocar nosso amor torturado, não é também ele uma figura da perplexidade, nesse clima de “neblina”, propício a fazer-nos confundir os seres? Se já vemos “em enigma”, o que significa ver “em neblina”?

Em “Soroco, sua mãe, sua filha” o “sombrio” está do lado da loucura, que acaba por separar mãe e filho, pai e filha, numa dimensão de nostalgia e mistério, que só a canção partilhada consegue minorar.

Existe em nós um lado “sombrio”, ligado à noite e aos “fantasmas”, que nos divide e atormenta.

Somos Medusa, cujos cabelos são serpentes e que não podemos fitar, sem morrer. Quem não tem seu duplo minotauro, touro feroz encerrado no labirinto dos próprios desejos e sonhos? Ou um Pegasus, cavalo alado que voa para o sol, mas pode também despencar no abismo?

A travessia do Liso do Sussuarão é nossa travessia existencial, no dia-a-dia, pejado de rotina e denso de indagações. “Ser ou não ser” é a fórmula metafísica de Hamlet e o Liso é a fórmula brasileira desse conflito existencial, em Guimarães Rosa.

Machado de Assis, em “A igreja do diabo”, encontra, num velho manuscrito beneditino, a história do Diabo, que “humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 369) resolveu fundar uma igreja.

O Diabo tinha concluído, depois de séculos de observação, que as virtudes têm manto de veludo, rematado com franjas de algodão. É só puxar as franjas e elas irão para a sua igreja, seguidas das de seda pura.

Deus, consultado, retrucou que aquilo era pura retórica, que aliás entediou todos os serafins e arcanjos do céu, mas Deus permitiu a fundação.

No princípio, a igreja foi um sucesso. Todas as virtudes se alistaram e aderiram à nova ordem.

Mas, depois de longos anos, o diabo notou que muitos de seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. A descoberta assombrou o Demo. Voou ao céu e foi perguntar a Deus, qual a causa secreta do fenômeno. Deus esclareceu: “Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 369).

Essa contradição significa que, em nossa vida, misturam-se o bem e o mal, “sombrias” e “luzes”. Temos uma igreja para Deus e uma para o Diabo. Servimos sim a Deus e ao dinheiro, dois senhores a quem nos é interdito servir. Conse-

guimos, porém, transgredir. Aliás, a transgressão, desde Adão, Eva e a serpente, é nosso signo preferido. Basta dizer que “não pode”, para que o Diabo, residente em nós, opte por “poder”. O “diabólico” perpassa nossa existência, de cabo a rabo, como um fio de tessitura, que tecemos de dia e desmanchamos de noite.

Percorra você mesmo os contos de Guimarães Rosa. Verá que neles esse clima mítico do “diabólico”, essa mistura de tintas e cores contaminam os espaços e os tempos, as personagens, inclusive muitas vezes, o narrador.

Riobaldo, narrador de **Grande sertão: veredas**, é marcado pela ambigüidade, como Diadorim, numa dimensão mais fluida e diluída. Jagunço e filósofo, narrador e personagem, declarando-se incapaz de compreender as curvas da existência, aliada à capacidade de questioná-la, Riobaldo é um “rio” que flui e um vazio (baldo), que se preenche com a própria narrativa. Na jagunçagem, medroso e chefe, aprende com Diadorim a observar a beleza, ama mulheres em situações limites, e a tessitura de seu passado lhe escapa como fios, pelo vão dos dedos.

“A hora e vez de Augusto Matraga” é a hora de quem e de quê? Augusto cumpre um karma, para se redimir de uma existência cheia de orgulho e violência. Supera o “diabólico”, para provar sua “homênciã”, enfrentando corajosamente e matando Joãozinho Bem-Bem.

Essa, a lei do sertão. Mas não será também ela uma vertente “diabólica”? Até que ponto, no extremo da vida, quando a bondade e o amor deveriam ter moldado nosso ser, a aptidão para matar nosso inimigo e a coragem de fazê-lo, darão a dimensão de nossa grandeza? Sob tal enfoque, que karma é esse, que não nos preparou para o perdão? Ou Joãozinho Bem-Bem não é simplesmente um homem, mas um símbolo, um ícone do mal que devemos destruir para libertar os outros e nos redimir?

Em “A terceira margem do rio”, que margem é essa? Realmente ela não existe e nem é terceira. Um rio tem duas margens. Será então o meio do rio, imagem do fluir constante, que marca a continuidade do tempo, na descontinuidade de sua mudança? Será nosso porto, quando morrermos? Esse homem foi morar no rio, sozinho, fugindo de quê? Indo ao enalço de quê? Certamente, do visível ao invisível, do ponderável – que tem peso – ao imponderável, que não pesa. Rio acima, rio abaixo, rio afora, rio adentro, a margem três rompe a dialética binária das máquinas, dos computadores, dos sistemas digitais. Projeta-se, novamente, uma dialética da existência humana, que abrange nossas opções fundamentais para escapar ao “diabólico”, que nos atravessa.

Poetas e escritores apoderam-se do mito, para exprimir tais dimensões.

“Ao dar interpretações cada vez mais livres aos mitos fornecidos pela tradição, o literato descobre em si mesmo um poder de demiurgo” (GUSDORF, 1979, p. 150).

O poeta ou escritor cria novos mundos em que o homem dividido, separado

de si mesmo, desgarrado da realidade e de Deus, deseja fazer o caminho do retorno. A existência se desestabiliza. O mito remete à unidade, da qual carregamos a nostalgia: desde o Éden, passando pelo “Banquete” de Platão, até os nossos dias.

O homem, “criador de mitos novos, é ele, agora, que dá sentido ao mundo (...) Faz-se mestre e possuidor da realidade pela criação artística, muito antes de a ciência e a técnica estarem em condições de lhe conferir a livre disposição das coisas e dos elementos” (GUSDORF, 1979, p. 151).

O mito integra-se na reflexão. O homem adquire consciência de si mesmo. Sabe que está nu como Adão diante de Deus, fez sua escolha, tem de assumi-la.

“A perda do lugar ontológico, garantido pelo mito, mas destruído pela reflexão, é sentido como uma transgressão, geradora de insegurança e angústia” (GUSDORF, 1979, p. 152).

Toda obra de Guimarães Rosa é uma arquitetura, que abriga essas questões. No universo do discurso, a paisagem mítica primitiva é esboçada em linguagem e a linguagem, como diz Heidegger, “é a casa do ser”.

A Literatura, ser de linguagem, entrega-se à nossa busca de respostas que ela provoca, sem jamais responder. A Literatura continua a oferecer perguntas sobre o mundo, desviando-nos da estreiteza e da rigidez, de nos julgar-nos donos da verdade.

## Abstract

In the primitive society the myth marks the beginning and the origin of things. Through it man gives consciousness of his human condition, his being in the world and his death. From it he names and gives life to what is surround him. As the time passed the myth transcended its most important sense by oral to audition. Nowadays achieving all of our senses. The modern medium constantly offers us re-readings of atemporal tales. Rosa by the renewed written recreates the myth with all its original functions. Therefore it interferes in the original myth so hard that more than influenced by it the new tale breaks the chains of time and it influences the own myth. The “diabolical” in its mythic dimension go through the fiction of Guimarães Rosa.

Key words: Diabolical; Myth; Guimarães Rosa; Literature tales; Literary theory.

## Referências

- BASTOS, Fernando. **Mito e filosofia**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1991.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Mitológica rosiana**. São Paulo: Ática, 1978. Coleção Ensaio, 37.
- GUSDORF, Georges. **Mito e metafísica**. Tradução Hugo di Primio Paz. São Paulo: Convívio, 1979.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Ficção completa**. v. I e II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- JABOUILLE, Victor *et al.* **Mito e literatura**. Portugal: Inquérito, 1993.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim. A igreja do Diabo. In: Histórias sem data, in **Obras completas**, v. II. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Tradução Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.